

projectare 13

revista de arquitetura e urbanismo

TEORIA E PRÁTICA CONTEMPORÂNEA



Coordenação da Revista

André de Oliveira Torres Carrasco

Lisandra Fachinello Krebs

Coordenação da Edição

Ana Elísia da Costa

Célia Gonsales

Arte da capa

Ana Paula Viecele

Comissão Científica

Aline Montagna da Silveira

Ana Carolina Bierrenbach

Ana Lúcia Costa de Oliveira

Ana Luiza Nobre

Ana Paula Viecele

André de Oliveira Torres Carrasco

Bruno Cesar Euphrasio de Mello

Carlos Fernando Bahima

Camila Dottaviano

Daniela Cidade

Daniele Caron

Fábio Müller

Flávia Araújo

Frederico de Holanda

Fernando Fuão

Iazana Guisso

Jorge Bassani

Lígia Maria Chiarelli

Louise Prado Alfonso

Maurício Polidori

Paulo Belo Reyes

Patricia Zandonade

Raúl Vallés

Ricardo de Souza Rocha

Ricardo Luis Sampaio Pintado

Sylvio Jantzen

Thaís Troncon Rosa

Projectare - Revista de Arquitetura e Urbanismo é uma publicação do Laboratório de Urbanismo (LabUrb) e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

Periódico digital disponível em:
<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Projectare>

Sumário

EDITORIAL	
Ana Elísia da Costa, Célia Gonsales	06
ENTRE TEORIAS PARA AS CIÊNCIAS DA CONSTRUÇÃO: EFEITOS DAS FRATURAS EPISTÊMICAS ESTABELECIDAS HISTORICAMENTE NA TEORIA DA ARQUITETURA PARA A PRÁTICA CONTEMPORÂNEA	
Carolina Rosa.....	10
LINGUAGENS DA ARQUITETURA - SEMÂNTICA, SINTÁTICA E PRÁXIS	
Jorge Bassani.....	27
MONTAGENS, SINTOMAS E IMAGENS: ALTERNATIVAS PARA UMA PRÁXIS URBANA EMERGENTE NA CONTEMPORANEIDADE	
Lucas Boeira Bittencourt, Paulo Reyes.....	44
ELA FALA, EU ESCUTO: PREFIGURAÇÕES URBANAS DO DEVIR-MULHER	
Daniele Caron, Bruna Bergamaschi Tavares, Bárbara Rodrigues Marinho.....	61
A BRANQUIDADE DAS INTERVENÇÕES URBANAS E A VIDA NAS MARGENS: SALVADOR, ESSA BOLSA DE HISTÓRIAS	
Juliana de Faria Linhares , Marina Silveira Muniz Ferreira.....	77
O(S) PROJETO(S) HEGEMÔNICO(S), O CONFLITO E A CENA POLÍTICA NO CAIS DO PORTO DE PORTO ALEGRE: PARA PENSAR UMA OUTRA PRÁXIS	
Eduardo Paiva Ribeiro, Paulo Edison Belo Reyes.....	94
PRÁXIS EXTENSIONISTA TRANSFORMADORA: PANORAMA DA ASSESSORIA SOCIOTÉCNICA DO GRUPO PERIFÉRICO NA LUTA PELO DIREITO À CIDADE	
Gabriel Ribeiro Couto, Liza Maria Souza de Andrade, Juliette Anna Fanny Lenoir.....	106
ENSAIO A PARTIR DE UMA BANCA: PLANO POPULAR DO CORREDOR DAS TROPAS (PELOTAS-RS)	
Bruno Cesar Euphrasio de Mello.....	124
URBANOS FURORES: A FEBRE DA PRÁXIS	
Ana Paula Vieceli.....	136
TEORIA CRÍTICA, INTERFACES E ATUAÇÃO FEMININA NA AUTOPRODUÇÃO HABITACIONAL: OUTRA POSSIBILIDADE DE PRODUÇÃO ARQUITETÔNICA	
Carolina de Sousa Cardoso.....	151
ENTRE PAISAGENS: ÀS FRESTAS DA CIDADE CONTEMPORÂNEA	
Isabella Khauam Maricatto, Eduardo Rocha.....	168

O RESTAURO DO MODERNO: APLICABILIDADE DA TEORIA DE CESARE BRANDI NA RESTAURAÇÃO DO PATRIMÔNIO DO SÉCULO XX

Magda Rosí Brodbeck, Fabio Bortoli, Marlon Uliana Calza..... 180

ADAPTAÇÃO DE METODOLOGIA PARA ANÁLISE DE PLANOS URBANOS SOB A ÓTICA DO CONCEITO CIDADE DE 15 MINUTOS

Daniela Pereira Almeida, Cléo Nicolau Adário Lima Nascimento, Ítalo Itamar Caixeiro Stephan, Maria Isabel de Jesus Chrysostomo..... 201

EDITORIAL

**O LUGAR DA TEORIA
NAS PRAXIS ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA CONTEMPORÂNEAS**

Ana Elísia da Costa¹
ana_elisia_costa@hotmail.com

Célia Gonsales²
celia.gonsales@gmail.com

A chamada para a edição 13 da Revista Projectare teve como tema-base “Teoria nas Práxis Arquitetônica e Urbanística Contemporâneas”. Essa chamada reconhecia a constituição de campo de atuação “emergente” na Arquitetura e Urbanismo, entendendo esse campo como aquele que, como enunciado comum, sustentava o projeto não só como dado estético, mas também ético-político. Por essa dimensão, entendia-se que propostas projetuais que daí emergiam tendiam a ser mais compromissados com os tecidos físico-sociais envolvidos e que, por isso, perseguiram mais processos do que produtos; contemplavam saberes e valores locais e punham em estado de crítica repertórios acadêmicos, científicos, eruditos (e midiáticos); bem como requererem novos papéis de seus profissionais: de “intelectuais-criadores” a “mediadores-educadores” dispostos a colaborar em uma relação horizontal com outros sujeitos.

Percebendo que essas práticas-emergentes ampliavam e/ou desestabilizavam a cultura disciplinar e a própria profissão, nos interessava refletir sobre teorias-emergentes desse campo, suas potencialidades e limitações. Diante disso, provocamos autores a apresentarem trabalhos que ponderassem sobre a validade ou não de teorias “essenciais” ou “universais” da disciplina para a práxis contemporânea; bem como trabalhos que alimentassem ou fossem alimentados por teorias operantes em-desde outras disciplinas, podendo levar a atravessamentos ou hibridizações que tornassem imprecisos os limites da disciplina ou que compusessem um “entre”.

¹ Doutora em Teoria, História e Crítica da Arquitetura. Professora e pesquisadora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professora colaboradora no PROGRAU, na Universidade Federal de Pelotas.
<https://orcid.org/0000-0003-4829-5699>

² Doutora em Arquitetura e Urbanismo. Professora e pesquisadora na Universidade Federal de Pelotas e professora permanente e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – Prograu, UFPel.
<https://orcid.org/0000-0002-9249-1390>

Diante disso, sugerimos temas que, abordados de modo isolado ou híbrido, colocassem o projeto como objeto privilegiado de investigação, por mediar teoria e práxis e por, como nos lembra Marina Waisman, expressar visões de mundo e concepções de vida social. Assim, pautamos temas que tomassem o projeto desde: a) conflitos: como deflagrador de disputas e/ou potencial promotor de uma política de partilha; b) hegemonia: como afirmador de poderes dominantes e/ou ativador de valores como igualdade-diferença, multiplicidade e democracia; c) complexidade: como dado redutor, expresso em um produto assertivo, e/ou deflagrador de um processo incerto e conciliador de múltiplos saberes; d) decolonidade e globalização: como reprodutor de imposições culturais e/ou ator na ressignificação de realidades locais; e) subjetividade: como tradutor de uma racionalidade historicamente imposta e/ou ativador de sujeitos, corpos, e simbolismos; f) consumo e sustentabilidade: como apagador de memórias e degradador ambiental e/ou perseguidor de uma ética planetária.

Recebemos inúmeros trabalhos oriundos de diversas geografias - Rio Grande do Sul, Bahia, São Paulo, Minas Gerais, Distrito Federal - e de diversos contextos de atuação, do mundo profissional ao acadêmico. Desde a academia, se vislumbra práticas isoladas ou tramadas entre pesquisa, ensino e extensão. O que resulta, portanto, é um mosaico rico em pluralidades que comentamos brevemente:

Ainda Teoria - Prospecções para novas práxis

Três trabalhos revisitam historicamente o campo de conhecimento da Arquitetura e Urbanismo, buscando identificar fragilidades teóricas e práticas, bem como propor, também a partir de aportes teóricos externos à disciplina, novos encaminhamentos frente aos desafios impostos pela realidade contemporânea. No trabalho *Entre Teorias para as Ciências da Construção: efeitos das fraturas epistêmicas estabelecidas historicamente na teoria da arquitetura para a prática contemporânea*, evidencia-se o descolamento progressivo da teoria arquitetônica em seu devir histórico dos aspectos relativos à sua produção material, colocando a disciplina em um longo estado de crise e em uma posição marginal no contexto de produção do ambiente construído. Diante disso, reclama-se pela emergência de teorias que ressignifiquem a relação com a prática desde a produção material e a tecnologia.

Outros dois trabalhos tensionam a episteme arquitetônica moderna e pós moderna, sustentada por enunciados cartesianos, funcionalistas, pragmáticos e/ou estetizantes, e buscam legitimar outras perspectivas para construção de imagens e de linguagens na contemporaneidade. Neste contexto, o trabalho *Linguagens da Arquitetura - Semântica, Sintática e Práxis* encontra na práxis das subculturas posteriores a 1970, entendida não como simples prática ou aplicação de uma teoria, um potencial criador de novas teorias ou reflexões, desviantes ao que se impõe como norma. Desde aí defende a promoção não de excepcionalidades, mas de vida cotidiana e comunitária, em significados e formas. O artigo *Montagens, Sintomas e Imagens: Alternativas para uma práxis urbana emergente na contemporaneidade*, por sua vez, refuta operações de projeto por meio de imagens sintéticas e

apaziguadoras de conflito, como as especuladas por Lynch, e persegue a exploração de imagens plurais e heterogêneas que deem luz não só a dimensões estéticas, mas também políticas.

Sob marcos teóricos que colocam a cidade como território de disputas hegemônicas e de exclusões sociais, destacamos três trabalhos que dão luz a conflitos invisibilizados ou silenciados, propondo que esses sejam pautas para outras práxis, outras formas de pensar-atuar com a cidade, de forma a conduzir a configurações urbanas mais inclusivas, abertas e flexíveis. Registram narrativas e imaginários deflagrados desde conflitos cotidianos, especialmente aqueles impostos por marcadores sociais como raça, gênero e classe, os trabalhos *Ela Fala, Eu Escuto: Prefigurações Urbanas do Devir-Mulher* e *A Branquidade das Intervenções Urbanas e a Vida nas Margens: Salvador, essa Bolsa de Histórias*. Em tom de denúncia, o trabalho *O(s) Projeto(s) Hegemônico(s), o Conflito e a Cena Política no Cais do Porto de Porto Alegre: Para Pensar Uma Outra Práxis* destaca as sucessivas proposições de soluções para aquele contexto e que ignoram as disputas entre os agentes afetados, especialmente as explicitadas em audiência pública.

Novas (ou nem tanto) práticas

Neste contexto, destacamos trabalhos que, com o suporte de um corpo diverso de teorias emergentes na disciplina e fora dela, documentam e analisam práticas de assistência técnica universitária. Esse tem sido um importante campo de tensionamento da cultura disciplinar, dos limites da profissão e do projeto, e, sobretudo, do próprio papel da universidade, ao recobrar a sua função de não só produzir o conhecimento, mas também de coletivizá-lo na perspectiva de uma emancipação social. Os projetos emergentes dessas práticas, ao serem desenvolvidos num diálogo entre ensino-pesquisa-extensão e para-com comunidades, experimentam novos modos de ensino-aprendizagem e novos modos de produção de conhecimento e espaço, já que se mostram abertos à conciliação de diversos saberes. Neste contexto, destacamos os trabalhos *Práxis Extensionista Transformadora: panorama da assessoria sociotécnica do Grupo Periférico na luta pelo direito à cidade* e o *Ensaio a Partir de uma Banca: Plano Popular do Corredor das Tropas (Pelotas-RS)*, que respectivamente versam sobre práticas desenvolvidas na UNB e na UFPel.

Sob viés mais experimental, agrupamos três trabalhos - *Urbanos Furores: a febre da práxis; Teoria Crítica, Interfaces e Atuação Feminina na Autoprodução Habitacional: outra possibilidade de produção arquitetônica*; e *Entre Paisagens: às frestas da cidade contemporânea* -, por pautarem outros modos de enfrentamento da cidade e, conseqüentemente, de construí-la. O primeiro, baseando-se em suportes teóricos que defendem as potencialidades inventivas do lúdico, experimenta uma práxis, um jogo coletivo de experimentação, apropriação e invenção do espaço urbano que toma seus conteúdos diversos e plurais como matéria de expressão e que converte jogadores em agentes engajados na sua construção. O segundo artigo também apresenta e analisa jogos/interfaces, aqui, contudo, valendo-se de teorias críticas e feministas, é proposta a ruptura com a ideia do projeto como um produto final e

prescritivo e a busca por uma perspectiva crítica de gênero na prática arquitetônica. O terceiro, baseando-se em conceitos ecológicos, se debruça sobre uma práxis: o plano de Gestão Estratégica de Terrenos Abandonados de Montpellier – França. Ao reconhecer a rede de abandonos daquele contexto como um patrimônio fundamental para o enfrentamento dos desafios urbanos contemporâneos, esse plano fomenta a construção de uma outra cultura da paisagem urbana.

Contraopondo-se a essas experiências que se amparam em teorias de outras disciplinas e/ou que tensionam teorias essenciais ou universais da disciplina, destacamos dois trabalhos que, de certa forma, validam o corpo teórico disciplinar tradicional na práxis contemporânea. *O Restauro do Moderno: aplicabilidade da teoria de Cesare Brandi na restauração do patrimônio do Século XX* toma a arquitetura moderna como patrimônio e investiga a aplicabilidade da teoria brandiana no seu restauro. Validando-a, o trabalho contribui para o debate sobre a vigência ou necessidade de readequação de princípios que guiam o restauro na contemporaneidade. O artigo *Adaptação de Metodologia para análise de Planos Urbanos sob a Ótica do Conceito Cidade de 15 Minutos*, por sua vez, sustenta questões postas já no contexto de crítica urbana dos anos 60, como a incorporação de uma dimensão temporal no planejamento das cidades e a busca por uma melhor qualidade de vida. Apesar de não versar sobre uma práxis específica, o trabalho tem dimensões pragmáticas, ao buscar sistematizar uma metodologia de análise que, aqui, avança por pautar questões contemporâneas, como acessibilidade, distribuição de recursos e caminhabilidade, colocando o pedestre no centro de discussão do espaço urbano.

Lugares

No conjunto, esses trabalhos não traduzem um só “lugar da teoria nas práxis contemporâneas”, mas vários lugares. Os aportes teóricos apresentados são muitos: não se restringem à produção do campo do conhecimento arquitetônico e se enlaçam a reflexões emergentes de fora da disciplina. Há nisso uma indicação de que os saberes especializados não dão conta de compreender as complexidades da realidade. Essa realidade, por sua vez, ao se apresentar como opressora e excludente, aciona modos renovados de refletir e agir, onde o ético-político relativiza imposições estéticas alimentadas pelo isolamento disciplinar.

O que resulta disso, portanto, é uma tessitura complexa que, longe de enunciar sentidos únicos ou prescrever possibilidades, dão apenas pistas para ressignificar nossas práxis diante das fragilidades e potencialidades contemporâneas. São pistas que requerem constantes reflexões e/ou contínuas ações-reflexões, reposicionando-as em um mundo que, por estar em constante devir, não é constituído como um lugar, mas como lugares.